

Ficcionalidade e vestígios do passado: em cena o Barão de Itararé¹

Marialva Barbosa

Ao fundo, Apporelly arrumava cartas sobre uma pequena mesa redonda, entranhado numa infinita paciência. Avizinhei-me dele, pedi notícias do livro que me anunciara antes: a biografia do Barão de Itararé. Como ia esse ilustre fidalgo? A narrativa ainda não começara, as glórias do senhor barão conservavam-se espalhadas no jornal. Ficariam assim, com certeza: o panegirista não se decidia a por em ordem os feitos do notável personagem.

Graciliano Ramos, in *Memórias do cárcere*

O texto escrito por Graciliano Ramos em *Memórias do cárcere*, descrevendo o dia-a-dia do Barão de Itararé na Casa de Detenção, durante o Estado Novo, tem dois propósitos: serve de introdução a esse texto que, certamente, não poderá dar conta da biografia desse gaúcho, que passou mais da metade de sua vida no Rio de Janeiro; e mostra que a partir de determinados traços do passado, deixados como vestígios, podemos recuperar uma dada história de uma época.

Se ele mesmo, Aparício Fernando de Brinkerhoff Torelly, não conseguiu transformar sua vida em livro, ficando o sonho da autobiografia inacabado, não sei eu, agora, quase setenta anos depois, que conseguirei dar conta dessa tarefa, para completar a galeria dos personagens ilustres da imprensa brasileira, que figuram nessa mesa. Assim, o que farei aqui é apenas uma breve reflexão, entremeada de narrativas que chegaram até nós e que compõem o personagem Barão de Itararé.

Instaurar a correlação imprensa e história é, em última análise, o que pretendemos ao trazer à cena a figura emblemática do Barão de Itararé e do jornal *A Manhã*, criado por ele, no Rio de Janeiro, em 1926 e que circulou, com períodos de interrupção, até 1952. Mas estabelecer essa conexão é considerar as falas que chegam até nós – sob a forma de resquícios e traços do passado – como singulares, nas quais emergem questões mais complexas do que a simples lembrança desse passado.

Contida nos relatos está a problemática da memória que se faz pela reconstrução a partir do lugar que ocupamos no presente. Além disso, o passado é, sempre, em certa medida, mitificado a partir de imperativos localizados também nesse presente histórico.

Lembrar, portanto, o Barão de Itararé é comemorar o passado mítico do jornalismo, sua identidade atrelada à questão do poder simbólico que os jornalistas possuem na sociedade, é celebrar uma identidade comum, possuindo essa ação social função de integração.

Pensar a correlação imprensa e história, também, não é pensar o passado isolado nele mesmo. O valor do estudo do passado está na reinterpretação que pode fornecer perspectivas sobre o presente. Os fatos não são dados objetivos ou descobertas. Na verdade são elaborados a partir do tipo de pergunta que se faz acerca dos fenômenos que se colocam diante do pesquisador.

Pensar historicamente a imprensa e seus personagens é construir reflexões em torno da questão da memória, da produção dos discursos, da subjetividade, dos liames culturais e das relações de poder. Por outro lado, a relação imprensa e história se faz também pela busca dos vestígios, dos sinais, dos emblemas memoráveis que se inscrevem nas práticas discursivas. E são esses emblemas, sinais, vestígios que buscamos para remontar a trajetória de Aparício Torelly.

Também não interessa saber até que ponto essas histórias que povoam o imaginário dos jornalistas, sobre esse autor de frases célebres e chistes irônicos e que perduram de maneira tênue na memória do grupo, são, de fato, verdadeiras ou não. O que importa é que Aparício Fernando Torelly ou simplesmente o Barão de Itararé passou à história como um apaixonado pelo jornalismo, que fazia da escrita e de suas frases curtas e irônicas a arma para demolição dos poderosos. O seu humor cáustico fustigava as grandes figuras do Estado, de acordo com as narrativas, até a segunda metade do século passado. O Barão de grande barba branca transformou-se numa espécie de símbolo de resistência à prepotência, através do seu bom-humor e da sua ironia.

Figura complexa, personagem mitificado na história da imprensa brasileira, fundador do célebre jornal humorístico *A Manhã*, Aparício Torelly, nasceu no Rio Grande do Sul, perto da fronteira com o Uruguai em 1895. Ainda que tivesse a intenção inicial de ser advogado, matricula-se por influência da família na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, abandonando o curso no quarto ano. Já nessa época, como a maioria dos jovens jornalistas do seu tempo, divide suas tarefas entre a faculdade e o exercício do jornalismo, publicando textos em revistas gaúchas. É desse período o seu primeiro jornal de humor: *O Chico*.

Aos trinta anos vem tentar a sorte no jornalismo do então Distrito Federal. Sobre esse momento escreveu Jorge Amado (1985):

Esse jovem gaúcho desaguou na cidade do Rio de Janeiro na maré cheia da Revolução de 30. Não amarrou o seu cavalo no Obelisco, como ameaçaram fazer conterrâneos seus no calor e na retórica dos comícios da Aliança Liberal que, após a perda das eleições, tomaram as armas e partiram em direção à Capital da República.

Chegando ao Rio, encontra uma imprensa em pleno período de expansão. Em 1925, existiam na cidade do Rio de Janeiro 22 periódicos regulares, fora os de vida efêmera. Entre os mais importantes, figuravam o *Correio da Manhã*, a *Gazeta de Notícias*, o *Jornal do Commercio*, o *Jornal do Brasil*, o *Imparcial*, o *Jornal* e *A Noite*. Naquele mesmo ano, Irineu Marinho funda *O Globo*. E foi neste jornal, no seu primeiro ano de funcionamento, que Aparício estrearia na imprensa carioca, contratado pelo próprio Irineu, para fazer crônicas ao preço de 300 mil réis por mês.

Com a morte de Irineu, transfere-se para o jornal que fazia das notícias de sensação o mote para o seu sucesso: *A Manhã*, fundado por Mario Rodrigues. Lá Aparício estréia assinando crônicas na primeira página nos primeiros dias de janeiro de 1926. Ainda neste mesmo ano deixa o jornal de Mário Rodrigues e tirando apenas um til do nome do periódico, funda o seu *A Manha*, em 13 de maio. Num texto característico da época para anunciar novas publicações, *A Manhã* destacou o aparecimento do novo semanário humorístico.

Circulou ontem o primeiro número desse novo semanário humorístico dirigido por Apporelly. O nome do seu diretor já é uma garantia para o sucesso que *A Manha* alcançou. Ao novel, manhoso e simpático colega, nossos votos de prosperidade (*A Manhã*, 14 de maio de 1926).

O primeiro número, uma homenagem ao 13 de maio, trazia na primeira página, logo abaixo do título, o subtítulo com a sua marca humorística: *órgão de atakes... De riso*. Abaixo o nome do diretor-proprietário: Apporelly, uma mistura de Aparício e Torelly, e como era conhecido o Barão. Ainda na primeira página em quatro colunas, caricaturas de Andrés Guevara (que trabalharia com Apporelly até os anos 1950) e de políticos da época. O artigo de fundo, com o programa do jornal, em tom brincalhão anunciava:

O nosso objetivo é careca como um busto de bronze do Rio Branco e está com a calva a mostra; pretendemos fundar uma revista do supremo espírito. Para tal contamos com a Graça de Deus, com as boas graças do futuro presidente da República e com as melhores graças de outros ilustres colaboradores (*A Manha*, 13 de abril de 1926).

Sobre esse momento e os subseqüentes escreveu Jorge Amado:

Durante os anos que se seguiram fez-se conhecer e ganhou fama sob o pseudônimo de Apporelly, com que assinou os primeiros grandes sucessos jornalísticos, fazendo a cidade (e logo depois o país inteiro) rir com as peripécias de um raide automobilístico pelas ruas do Rio de Janeiro e de outras loucas reportagens. Incorporou-se naquele então, na figura de "nosso querido Diretor", o onipotente proprietário do jornal, antes de vir a ser o famoso Barão de Itararé, o que veio acontecer com o aparecimento de *A Manhã*, popularríssimo semanário que ele, sozinho, redigiu, paginou e dirigiu durante anos e anos (Idem).

Contrariando a tendência da imprensa no início do século XX, na cidade do Rio de Janeiro, onde os jornais já se constituíam como verdadeiras "fábricas de notícias", Apporelly era exemplo da coexistência de múltiplos padrões empresariais na imprensa da época. *A Manhã* continuava sendo o jornal de um único homem, que tudo fazia: redigia, paginava, dirigia, enquanto na maioria dos grandes periódicos existia uma clara divisão do trabalho no interior dessas já complexas unidades produtivas.

No gabinete situado no quinto andar do edifício do então Cinema Império, na Cinelândia, no centro do Rio, se fechava por dias inteiros e escrevia sozinho o jornal. Populariza assim sua verve humorística e faz da crítica o tom cotidiano no periódico. É dessa época também o seu projeto de criação do *Jornal do Povo*, que circulou durante apenas dez dias, em outubro de 1934, divulgando as posições do Partido Comunista Brasileiro e publicando manifestos e declarações dos membros do PCB.

Após a experiência, volta-se a se dedicar integralmente ao jornal *A Manhã*. E assim,

Não houve no Brasil, na década de 40, escritor mais unanimemente lido e admirado do que o humorista cujo riso, ao mesmo tempo bonachão e ferino, fazia a crítica aguda e mordaz da sociedade brasileira e lutava pelas causas populares. Mais do que um pseudônimo, o Barão de Itararé foi um personagem vivo e atuante, uma espécie de Dom Quixote nacional, malandro, generoso e gozador, a lutar contra as mazelas e os malfeitos (Jorge Amado: 1985).

A crítica que exercia no seu jornal fez dele alvo fácil de inúmeras perseguições: fechamento do periódico, seqüestro e prisões. Logo após a aprovação de Lei de Segurança Nacional, em 1935, Aparício é preso em 9 de dezembro daquele ano. Depois de um período na Polícia Central e no navio presídio Pedro I, que ficava ancorado ao largo da Baía de Guanabara (quando deixa crescer a barba, "uma barba

de Pedro II cultivada a bordo de Pedro I”, como costumava dizer), é transferido para a Casa de Detenção, onde ficaria até dezembro do ano seguinte. Lá vai para o Pavilhão dos Primários onde teria a companhia de Hermes Lima, Eneida de Moraes, Nise da Silveira e Graciliano Ramos.

A chegada mais rumorosa foi a de Apporelly. Estávamos recolhidos; a Rádio Libertadora, em meio do programa, comunicou o sucesso. – Fala o Barão – exigiram de vários cubículos.

Nas suas *Memórias*, Graciliano narra o projeto de Apporelly de aproveitar o tempo na prisão para escrever a biografia completa do Barão de Itararé. O livro, segundo ele, seria:

Volume grosso, um calhau no formato dos de Emil Ludwig. É a história completa do homem, a ampliação dos ridículos que publiquei na *Manha*. Veremos os princípios do Barão, a vida política, os negócios, a maneira como adquiriu o título. Um dia Itararé descobriu uma volumosa ladroeira oficial e denunciou os responsáveis numa longa campanha moralizadora. Aos íntimos explicou-se: “Patifes! Canalthas! Para uma transação como essa não me convidam”. Enfim quinhentas páginas grandes. Acho que terei o volume pronto num ano; com certeza não nos largarão antes (Graciliano Ramos, *Memórias do Cárcere*)

O projeto, entretanto, nunca se concretizou. A prisão o deixava, segundo os vestígios trazidos até nós pela narrativa memorável do velho Graça, alquebrado, sem forças, doente.

Doía-me a paciência triste dele, aparentemente alegre. Não passava mal o dia, mas à noite, apagadas as luzes, entrava a aperrear-se, em forte agitação. De repente, erguia-se num tremor convulso, batendo os dentes, a arquejar. Isso me dava um sono incompleto. Abandonava o travesseiro, agarrava o doente até que ele se acalmasse. Atormentava-me. Iria Apporelly morrer-me nos braços? Por fim o meu ato era mecânico: ao despertar já me achava seguro a ele, tentando um socorro impossível (Idem).

Quando saiu da prisão, às vésperas do Natal de 1936, o jornal que ele vinha publicando há mais de 10 anos estava fechado. Com a ajuda dos amigos reabriu *A Manha*, mas com o período censório do Estado Novo, no ano seguinte, o jornal desapareceria de circulação mais uma vez. Apporelly vai então trabalhar como cronista no *Diário de Notícias*. Em 1939, é novamente preso e a partir daí, até o final do Estado Novo, esse seria um fato rotineiro em sua vida.

Com o fim do Estado Novo, *A Manhã* reaparece. Apporelly faz uma sociedade temporária com Arnon de Melo (pai do ex-presidente Collor de Melo), algoano que queria entrar no mundo da política, o que possibilita o ressurgimento do periódico. Esta segunda fase se estende, com dificuldades, até 1952, com períodos de interrupção.

No final da década de 1940, o jornal estava mais uma vez em franca dificuldade financeira. O mundo mudara. O humor de Apporelly já não possuía a mesma verve, naquele pós-guerra. Para tentar resolver os problemas financeiros, cria, em 1949, o Almanaque de *A Manhã* (o *Almanhaque*), reunindo os melhores trabalhos publicados pelo jornal. Com os recursos obtidos com a venda do Almanaque, consegue relançar o jornal, que havia deixado de circular em 1948.

O jornal ressurgiu, então, em 1950, agora em São Paulo. Durante dois anos, será publicado esporadicamente, até setembro de 1952, quando desaparece definitivamente.

Com a morte do jornal, Apporelly também caminha para o fim. Numa entrevista concedida em 1965, ou seja, treze anos depois que o último número circulou, ainda falava no sonho da volta do jornal: “A Manhã está em repouso, ou melhor, está repousando. Dum momento para outro ela poderá revoltar. Revoltar, quer dizer, tornar a voltar” (Figueiredo, 1988).

Em 27 de novembro de 1971, aos 76 anos, morre no Rio de Janeiro o Barão de Itararé.

Eu o conheci, a Aparício Torelly, nos idos de 30, apresentado por outro gaúcho imenso de talento e coração: Raul Bopp. Fomos amigos durante toda a sua vida, juntos trabalhamos, rimos, militamos, conspiramos, purgamos pena de prisão, acreditamos em verdades e em mentiras, batalhamos nossa batalha de Itararé. Depois, após a morte de Aparício Torelly, o silêncio envolveu a figura do Barão, encoberta pelos histriônicos generais da ditadura militar (Jorge Amado: 1985).

O texto de Jorge Amado tentando explicar porque Aparício Torelly, apesar de algumas de suas frases fazerem parte, ainda hoje, do anedotário da imprensa, foi colocado na categoria de personagem esquecido pelo público, coloca em cena uma reflexão final. Para Jorge Amado, o esquecimento deveu-se a um motivo eminentemente político: na ditadura militar era perigoso lembrar um personagem crítico e cáustico como o Barão de Itararé.

Claro que em certa medida, podemos considerar a razão apontada pelo escritor. Mas há outros motivos para o esquecimento. O esquecimento é também uma operação memorável, que envolve estratégias do grupo e da sociedade.

Para lembrar ou para esquecer não é suficiente remontar uma trajetória. O ponto de origem, o começo de tudo e os fatos que se seguem, não são suficientes para

organizar uma dada identidade de um personagem. São necessários elos temporais, uma trajetória marcada por rupturas, os acontecimentos que trazemos à cena. Um tempo vazio de acontecimentos é um tempo vazio de lembranças.

Nesse sentido, o movimento do grupo de jornalistas, sobretudo, a partir da década de 1950 é na direção de construir uma identidade nova, peculiar, e de preferência sem elos com o passado imemorial e personagens de outros tempos. O jornalismo moderno, auto-suficiente, e construído no profissionalismo implantado inicialmente pelos jovens jornalistas da década de 1950, que incorporam o ideal de objetividade, e posteriormente, já na década de 1970, pelas grandes corporações midiáticas, não precisa e nem quer um patrono como o Barão de Itararé. Figura de um tempo da imprensa, em que o improvisado, o artesanal, o pessoal era o dominante na cena. Uma imprensa identificada com o arcaísmo.

O Barão não foi um empreendedor. Representante de um jornalismo romântico e romantizado na memória que chega do passado, ele é emblema dos velhos parâmetros da imprensa e, dessa forma, não se constitui como exemplo para as gerações que se forjaram sob a égide da modernização.

Há que se considerar ainda que reconstruir a trajetória de vida de Apporelly hoje significa dar fisionomia a determinados acontecimentos considerados pelo pesquisador do presente como significativos para construir a identidade desse mesmo personagem. Portanto, o que fizemos aqui foi construir um *momento de discurso*, que trouxe à cena o Barão de Itararé a partir de acontecimentos que se tornaram memoráveis em outros discursos. Discursos ficcionais, mas que informam sobre o mundo em que foram produzidos. E dessa forma informam também sobre os homens que viveram nesse mundo.

Marialva Barbosa
Professora da UFF

Nota

¹ Trabalho originalmente apresentado na Mesa Redonda "Ícones da Imprensa Brasileira", no III Encontro da Rede Alfredo de Carvalho, Novo Hamburgo, abril de 2005. Este texto é parte integrante de uma pesquisa maior que procura estudar a correlação entre memória e tempo e que é financiada pelo CNPq e pela FAPERJ (Bolsa Cientista do Nosso Estado).

Referências bibliográficas

AMADO, Jorge. Prefácio a 1ª edição de *Máximas e mínimas do Barão de Itararé*. Coletânea organizada por Afonso Félix de Souza. Rio de Janeiro: Record, 1985.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FIGUEIREDO, Cláudio. *As duas vidas de Aparício Torelly. O Barão de Itararé*. Rio de Janeiro: Record, 1988.

A Manhã, 14 de maio de 1926.

A Manhã, 13 de abril de 1926.

Resumo

O texto produz uma breve reflexão sobre a história da imprensa no Rio de Janeiro a partir dos anos 1920, enfatizando o período do Estado Novo, a partir de um personagem ilustre na galeria dos nomes do jornalismo brasileiro: Aparício Torelly, o Barão de Itararé. Mostramos como a partir de determinados traços do passado, considerados como vestígios, podemos recuperar aspectos particulares do passado, levando em conta que procedemos sempre a uma reinterpretação. Estes vestígios serão considerados como emblemas memoráveis que chegam até o presente.

Palavras-chave

Jornalismo; História; Barão de Itararé.

Abstract

This text is a brief analysis on the history of the press in Rio de Janeiro starting in the 1920's and focusing on the period of Brazilian History called Estado Novo through the character of Aparício Torelly, the Barão de Itararé, a distinguished name of Brazilian journalism. It shows how we can recover specific aspects of the past setting from particular traces called vestiges, taking into account that this kind of procedure is always a reinterpretation. These vestiges are considered memorable badges that reach to the present.

Key-words

Journalism; History; Barão de Itararé.